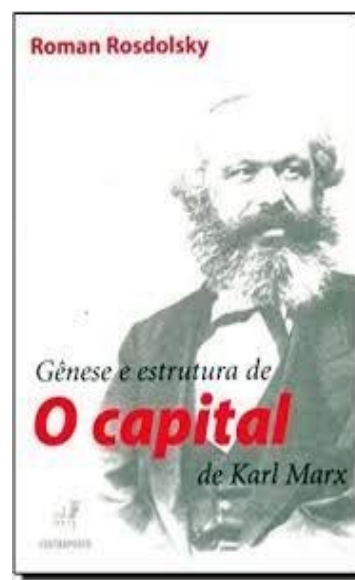


SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA ECONÔMICA
DE KARL MARX

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



FOLHETO Nº 04 – 29.04.2022

**PARTE II – A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA
TEORIA DE MARX SOBRE O DINHEIRO
(continuação)**

**CAPÍTULO 5 – A TRANSIÇÃO DO VALOR AO
DINHEIRO**

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 04

PARTE II – A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA TEORIA DE MARX SOBRE O DINHEIRO (continuação)

Capítulos 5 – A transição do valor ao dinheiro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[22](#)

FOLHETO Nº 04¹

PARTE II – A PRIMEIRA FORMULAÇÃO DA TEORIA DE MARX SOBRE O DINHEIRO (continuação)

Capítulo 5 – A transição do valor ao dinheiro

Dando continuidade à segunda parte do livro de Roman Rosdolsky, “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx”, trazemos o exame da origem do dinheiro em Marx, cujo capítulo em destaque corresponde ao item “Gênese e essência do dinheiro”, do “Capítulo do Dinheiro” dos manuscritos *Grundrisse* de 1857/1858 (“Elementos fundamentais para a crítica da economia política”), sobre os quais Rosdolsky se dedica em sua obra.²

5.1.1. A necessidade de instituir o dinheiro

Roman Rosdolsky inicia o primeiro item do capítulo cinco trazendo uma frase lapidar de Karl Marx sobre o tema dinheiro: “A dificuldade não está em compreender que o dinheiro é **mercadoria**, mas sim em compreender **como, por que, por meio de qual intermediação** uma mercadoria é [ou se torna, digo eu] **dinheiro**” (grifo nosso). De acordo com Rosdolsky, Marx tratava “de descobrir a **origem do dinheiro** já **oculta na relação de troca** mais simples e mais elementar da mercadoria” (grifo nosso).³

Embora seja em *O capital*, no Livro I - *O processo de produção do capital*, que a origem do dinheiro é tratada como “o principal tema da conhecida análise marxiana das formas ‘simples’, ‘total,’ e ‘geral’ do valor”, nos *Grundrisse* propriamente ditos já “aparecem os aspectos centrais da resposta ao problema”⁴.

1 Articulista: Rui Eduardo Silva de Oliveira Pamplona, bacharel em Ciências Econômicas e Direito; pós-graduado em MBA Agronegócio, MBA Executivo em Gestão Financeira e Especialização em Direito.

2 Avaliamos como importante reproduzir neste momento inicial o que assinala a professora Leda Paulani acerca da contextualização histórica e social do tema dinheiro em Marx. Para a referida professora, Marx estuda as relações de trocas e, por conseguinte, o dinheiro, no âmbito do *mundo capitalista*. Muito embora tenham existido eventuais relações de trocas e algum tipo de dinheiro em “outros arranjos sociais de produção material da vida”, as relações de troca e, sobretudo, o dinheiro de então, “não comandavam a vida material” daquelas sociedades. Tal fenômeno só vem a ocorrer no âmbito do modo de produção capitalista (in **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Videoaula. Coletivo Arroz Feijão e Economia. 2021. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs (minutagem: 12m15s-12m34s). Visto em 25.02.2022).

3 ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2011. p. 105 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

4 De acordo com Roman (Ibidem, p. 506 Nota 2), já nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844 e na obra *Miséria da Filosofia* de 1847, “Marx destaca o fato de que ‘o dinheiro é a verdadeira existência do valor como tal’. Por isso, o intercâmbio ‘teve de individualizar o valor de troca [no sentido marxiano de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, digo eu] mediante a criação de um meio de troca particular [o dinheiro, como uma terceira mercadoria]’. Porém, só nos *Grundrisse* ele [o filósofo alemão] desenvolveu e fundamentou em detalhes esse raciocínio” (grifo nosso).

Neste ponto, cabe reproduzir um esclarecimento substancial feito por Roman Rosdolsky. Conforme assinala o autor de *Gênese* (Ibidem p. 506 Nota 8), referindo-se à mercadoria, “Nos *Grundrisse* [...], Marx emprega com muita frequência a expressão ‘valor de troca’ em lugares onde deveria usar simplesmente ‘valor’ [valor econômico ou intrínseco, digo eu]”. No Livro I de *O capital*, segundo Rosdolsky, Marx continua empregando a expressão “valor de troca” para definir mercadoria, porém, ali, o próprio Marx esclarece ser “falsa” a afirmação de que mercadoria é

Como bem sugere o título do capítulo em comento, e assim veremos, para Karl Marx, a origem do conceito de dinheiro está na categoria **valor**.

O autor de *Gênese* começa o exame da origem do dinheiro em Marx referindo-se à rejeição do filósofo alemão à teoria do dinheiro-trabalho proposta pelo socialista francês Pierre-Joseph Proudhon, isto é, à tentativa proudhoniana de transformar todas as mercadorias em dinheiro, de abolir o dinheiro como uma terceira mercadoria⁵ (a exemplo do dinheiro de ouro e de prata e das cédulas conversíveis nestes metais), de cuja rejeição versamos no Folheto nº 03 deste artigo expositivo.⁶

Roman Rosdolsky recorda que a condenação marxiana “ao fracasso de qualquer *dinheiro-trabalho*” se apoia, em primeiro lugar, na “lei da produtividade crescente do trabalho, que produziria uma constante depreciação de todas as mercadorias diante dos ‘bônus-hora’”, e, em segundo lugar, na “necessária incongruência entre ‘valor real e valor de mercado, valor e preço [das mercadorias]’, ou seja, o fato de que o tempo de trabalho real [trabalho privado ou concreto, formador do preço, digo eu] incorporado em cada mercadoria não pode coincidir diretamente com o tempo de trabalho geral ou médio [trabalho humano geral ou trabalho abstrato, formador do ‘valor’ da mercadoria, digo eu novamente], tal como este último aparece no interior do conceito de valor”.⁷

Partindo da argumentação marxiana contra o dinheiro-trabalho, Roman Rosdolsky expõe que os produtos do trabalho humano só podem ser considerados valores “na medida em que sejam considerados encarnações de uma mesma substância social, o trabalho humano geral [ou trabalho abstrato, digo eu]”.⁸ Para Karl Marx,

valor de uso e valor de troca se se busca “maior precisão” no conceito. O autor d’ *O capital* justifica que o uso da palavra “valor de troca” na definição de mercadoria foi uma mera opção pela “terminologia em voga”, ponderando que se tal escolha esteja clarificada “o modo de expressão que usamos não cria problemas e serve para simplificar”. Todavia, afirma contundente: “A mercadoria é *valor de uso*, objeto voltado para o uso, e ‘*valor*’ [valor econômico ou valor intrínseco, digo eu novamente]” (grifo nosso). A mercadoria, “Apresenta-se como esse ser de dupla face (que é) quando seu valor possui uma forma própria de manifestação – a de *valor de troca* –, diferente de sua forma natural [de valor de uso (de utilidade), digo eu]” (grifo nosso). Sobre a questão, Marx faz uma observação significativa: “considerada isoladamente, [a mercadoria] nunca possui aquela forma [de valor de uso e de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, digo eu]: isso só ocorre na relação de valor [de troca] ou de intercâmbio com uma segunda mercadoria, de tipo diferente”.

Conforme definimos no Folheto nº 02 deste artigo expositivo, “uma mercadoria é tudo aquilo que é produzido pelo trabalho humano e colocado no mercado para ser trocado/vendido, sendo que muitas vezes é produzido já com a finalidade de ser vendido”. Diante dessa brevíssima definição, recomendamos a releitura do “[Capítulo 3 – Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política](#)” do referido folheto, onde, entre outros aspectos, aprofundamos a definição de mercadoria em Marx e tratamos da distinção que faz entre as três dimensões da mercadoria (valor de uso, valor de troca e ‘valor’ (valor econômico ou valor intrínseco)).

5 Segundo constatou Roberval Leone, esta “terceira mercadoria” (a primeira mercadoria é a força de trabalho e a segunda é a mercadoria por ela produzida) rejeitada pela teoria proudhonista, o dinheiro, “é, e não deixará de ser, categoria inseparável do modo de produção capitalista” (in SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf, p. 67. Site consultado em 02.02.2022).

6 Como observado no citado [Folheto nº 03](#), quando tratamos da crítica de Marx à teoria do dinheiro-trabalho do socialista “utópico” [Joseph Proudhon](#), os primeiros passos da formulação da teoria marxiana do dinheiro foram dados com a crítica a [Alfred Darimon](#), defensor da teoria proudhoniana do dinheiro-trabalho. Um desses passos redundou na análise de Marx da gênese e essência do dinheiro e sua relação com o conceito de valor.

7 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 105 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

8 Trabalho humano geral ou trabalho abstrato é o *tempo de trabalho socialmente determinado ou necessário* alocado ou embutido nos bens (tangíveis (materiais) e intangíveis (serviços)), sejam finais ou intermediários (matéria-prima

o **trabalho humano geral** ou **abstrato** é a **substância do “valor”** (valor econômico ou intrínseco) **da mercadoria**.

Todavia, citando Marx, Rosdolsky alerta ser preciso ter em conta que “o trabalho ‘não existe como objeto universal de troca, independente e desvinculado [...] das particularidades naturais das mercadorias’. O trabalho de indivíduos isolados apresenta diversos graus de intensidade e habilidade; é trabalho determinado, concreto [privado, digo eu], que ‘adapta materiais naturais específicos a necessidades específicas do homem’”. Como é assim, “resulta objetivado ‘em uma mercadoria determinada e específica, dotada de qualidades específicas, mantendo relações específicas com as necessidades’”.⁹

Por possuir essas peculiaridades de objetivação e de especificidade em relação às necessidades às quais atende, o trabalho humano “[...] **Não é diretamente valor de troca; deve-se tornar valor de troca**” (grifo nosso)¹⁰. “Tal como é diretamente”, prossegue Rosdolsky replicando Marx, “a mercadoria só é tempo de trabalho individual objetivado [trabalho privado ou concreto], portador de um conteúdo específico, e não tempo de trabalho geral”.¹¹

Avançando em seu raciocínio, Marx prescreve que, para se tornar valor de troca (no sentido de “valor” ou valor econômico ou intrínseco), o trabalho humano “Na condição de trabalho humano geral [trabalho abstrato] – na condição de valor [valor econômico ou intrínseco] – deve objetivar-se ‘em uma mercadoria que expresse apenas sua cota, ou quantidade [valor de troca], que seja indiferente às suas qualidades naturais [relativas ao valor de uso] e por isso possa ser metamorfoseada em – ou trocada por – qualquer outra mercadoria [...]”¹².

A par disso, Marx levanta a seguinte questão: como tornar o trabalho humano “valor” (valor econômico ou valor intrínseco), como “representar uma mercadoria particular, diretamente, como tempo de trabalho geral objetivado? Ou, o que dá no

e insumos). Por sua vez, “Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer sob as condições normais para uma dada sociedade e com o grau social médio de destreza e intensidade do trabalho” (in MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017, p. 117). Para o momento é suficiente essa definição de Marx. Detalhes sobre a mensuração das variáveis presentes na definição marxiana conheceremos no decorrer da nossa **Expedição**, em momento próprio. Porém, para o leitor que deseja se adiantar no assunto, veja o texto de I. Lapidus e K. V. Ostrovitianov intitulado “[Trabalho individual e trabalho socialmente necessário](#)”.

No Folheto nº 02 do presente artigo expositivo de *Gênese*, quando versamos sobre seu “[Capítulo 3](#) – Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”, tratamos da definição de trabalho abstrato, bem assim da distinção com o trabalho concreto (privado ou individual).

9 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 105 e 106.

10 Aqui, onde se ler valor de troca, entenda-se “valor” ou valor econômico ou valor intrínseco da mercadoria. No parágrafo em Nota temos um dos exemplos da “imprecisão” do uso da terminologia “valor de troca” explicitada na segunda parte da ^[Nota 1]. Doravante, quando constataremos, ao nosso juízo, tal imprecisão, faremos, geralmente entre colchetes, a observação de que a terminologia “valor de troca” ali utilizada está no sentido de “valor” ou valor econômico ou intrínseco. Além dessa intervenção, de maneira geral, sempre que conveniente para o esclarecimento de transcrições diretas do que assenta Roman Rosdolsky ou o próprio Marx, além de outros autores, igualmente atuaremos fazendo apontamentos também entre colchetes.

11 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 106 (Idem em relação à redação dos parágrafos seguintes).

12 Repare que no parágrafo em Nota, ao mencionarmos entre colchetes as categorias valor de uso, valor de troca e “valor” (valor econômico ou valor intrínseco), estamos a falar das três dimensões de qualquer mercadoria, o que não a define, segundo Marx, conforme mencionamos em Nota anterior.

mesmo, como conferir diretamente ao tempo de trabalho individual [trabalho privado ou concreto], incorporado em uma mercadoria particular, o caráter de universalidade [de trabalho humano geral ou abstrato]?", o caráter de substância social da relação de troca.

Citando Karl Marx, o autor de *Gênese* perfila que "As mercadorias – por exemplo, um metro de algodão e uma medida de azeite, considerados como algodão e azeite – são naturalmente diferentes, possuem qualidades diferentes, são medidas de maneiras diferentes, são incomensuráveis [não se podem comparar qualitativamente]".

Entretanto, prossegue o próprio Marx, "na condição de valores [na condição de trabalho humano geral, que corresponde ao 'valor' ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria], todas as mercadorias são qualitativamente iguais e só quantitativamente diferentes; por isso todas servem de medida umas às outras e se substituem [...] em determinadas proporções quantitativas [valores de troca]". O "valor" (valor econômico ou intrínseco), diferentemente do valor de troca, que é apenas a expressão quantitativa do "valor", "é sua relação social¹³, sua qualidade econômica".

Para Marx, "O valor 'supõe o trabalho social [ou trabalho humano geral ou abstrato] como substância de todos os produtos, prescindindo completamente de suas propriedades naturais [valor de uso] [...]. Um livro que possui determinado valor [valor econômico ou intrínseco] e um pedaço de pão que possui o mesmo valor são intercambiáveis [conseguem ser trocados entre si]; são materiais diferentes, mas têm o mesmo valor".

Portanto, na condição de "valor" (na condição de trabalho humano geral ou abstrato) há uma **equivalência** entre as mercadorias livro e pão. Na condição de "valor" "a **mercadoria** é um equivalente; [...] ela é o **padrão universal**, o **representante universal** e também **meio universal de troca** de todas as outras mercadorias (grifo nosso). Como **valor**, ela é **dinheiro**" (grifo nosso e do autor, respectivamente), prescreve o filósofo alemão.

Marx prossegue: "porque as mercadorias, como valores, só diferem uma das outras quantitativamente [ou, de outro modo, como valores as mercadorias se equivalem qualitativamente, caso contrário não poderia haver a troca entre livro e pão], a diversidade natural das mercadorias deve entrar em contradição com sua equivalência econômica [equivalência que propicia a troca entre um livro e um pedaço de pão]". Logo, o "valor" de cada mercadoria "deve adquirir uma 'existência qualitativamente distinguível'" dela mesma e das demais.

Isso se explica, segundo Marx, porque na "condição de valor [valor econômico ou intrínseco], toda mercadoria é divisível [intercambiável; em sua existência

13 De acordo com Rosdolsky, na trilha de Marx, a condição do "valor" como relação social tem que ver com o fato de que os homens produtores não precisam saber como na realidade se determina o "valor" de suas mercadorias ou como seus produtos se tornam valores, e que por isso podem ser intercambiados no mercado. "Qualquer um pode precisar de dinheiro sem saber o que é o dinheiro". No caso, a relação social em que se insere determina sua consciência sobre o dinheiro. Em uma hipótese ou em outra, afirma Roman, "não se deduz que ele [o 'valor', e o dinheiro também, por exemplo] não possua uma existência material, independente da consciência e da vontade dos homens" (ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 506 Nota 7).

natural [na condição de valor de uso], no entanto, isso não é verdade". Na sua condição de existência material ou natural (algo real), "[...] só há intercâmbio de mercadorias porque elas são diferentes e correspondem a necessidades diferentes. Na condição de valor, ela é universal; como mercadoria real, é algo particular. Como valor, é sempre intercambiável; na troca real, isso só ocorre quando ela satisfaz certas condições particulares [tenha valor de uso, por exemplo]".

Continuando na demonstração destas duas condições distintas que se fazem presentes na mercadoria, a condição de "valor" e a condição de existência material ou real, Marx prescreve que, "Como valor [valor econômico ou intrínseco], a medida de seu potencial de troca está determinada por ela mesma, pois o valor de troca expressa precisamente a relação em que ela substitui outras mercadorias". Já na condição de troca real, a mercadoria "só é intercambiável em quantidades fixadas [valor de troca] por suas qualidades naturais e correspondentes às necessidades dos que participam da troca [valor de uso]" – o que gera a possibilidade do intercâmbio entre um metro de pano e uma medida de azeite, por exemplo.¹⁴

Portanto, conforme assenta Roman Rosdolsky, "o que antes", na crítica de Marx ao dinheiro-trabalho de Proudhon, "aparecia como uma contradição entre tempo geral e tempo individual de trabalho aparece agora como uma contradição entre o caráter geral da mercadoria como valor [valor intrínseco ou valor econômico] e seu caráter particular como valor de uso [utilidade]".¹⁵

Rosdolsky prossegue replicando Marx: "Essa contradição visível [...] 'só pode ser resolvida *se for objetivada*' (grifo do autor), ou, em outras palavras, "'desdobrando-se' a mercadoria no intercâmbio real, ou seja, criando-se para ela 'uma forma de existência social separada de sua forma de existência natural: o **dinheiro**'" (grifo nosso). O dinheiro na forma de uma terceira mercadoria, uma mercadoria-dinheiro¹⁶.

Quando se troca duas mercadorias, ensina Marx, estabelece-se que "cada uma das mercadorias é igual a uma terceira". Ou seja, cada uma dessas mercadorias "é diferente de si mesma" e igual a uma terceira. E isso permite o intercâmbio entre as duas. Na troca real, portanto, é preciso haver "uma mediação real"¹⁷. Tal **terceira mercadoria**, suporte da intermediação real, "diferente de ambas, já que expressa uma relação [de troca]", é, complementa Rosdolsky, "precisamente seu **valor** [ou sua condição de trabalho humano geral]¹⁸" (grifo nosso). Isso quer dizer, conclui o filósofo alemão, que o "valor de troca [no sentido de 'valor' ou valor econômico ou intrínseco]" da mercadoria "adquire uma **existência material separada dela**" (grifo nosso), que,

14 Idem, p. 106 e 107.

15 Ibidem, p. 107 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

16 Rosdolsky realça que "todas as qualidades apontadas como qualidades particulares do dinheiro são qualidades das mercadorias como valores de troca [no sentido de 'valor' ou valor econômico ou intrínseco]" (Ibidem, p. 107).

17 A expressão "mediação" no sentido empregado no parágrafo em Nota, segundo Rosdolsky, é mais uma demonstração da influência de Hegel sobre Marx (Ibidem, p. 507 Nota 12).

18 Para que se possa comparar uma mercadoria com outras, ela "deve ser antes de tudo convertida em tempo de trabalho, ou seja, em algo qualitativamente diferente dela mesma" (Ibidem, p. 107).

conforme Rosdolsky, “se materializa de forma independente no **dinheiro**”.¹⁹

Marx prescreve que há uma “contradição interna entre valor de uso e valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco], implícita na mercadoria”. Exemplo: “como valores de uso [que corresponde ao atendimento das necessidades das pessoas, à utilidade do bem], as mercadorias não são divisíveis à vontade, mas devem sê-lo como valores de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco]”. Isso ocorre porque “a mercadoria A poderá ser valor de uso para B, enquanto a mercadoria B não é valor de uso para A”, ou, ainda, porque “é possível que os donos das mercadorias necessitem delas em proporções desiguais, não compatíveis com a divisibilidade”, ou que, como acrescenta Rosdolsky, “não necessitem delas no mesmo momento”. Esses aspectos impedem ou dificultam o intercâmbio.²⁰

“Para eliminar essas dificuldades”, diz Roman Rosdolsky, “o produto, como valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco], deve ser liberado de seus inconvenientes naturais [a exemplo do decorrente do valor de uso]; deve assumir uma ‘forma-valor independente de seu próprio valor de uso ou da necessidade individual dos agentes que participam do intercâmbio’”. E isso só é possível com a participação de uma terceira mercadoria intermediadora da relação de troca.

Marx prescreve: “Não se efetua uma troca em que os possuidores de mercadorias intercambiam seus artigos por outros, e os comparam com estes, sem que, nessa troca, as diferentes mercadorias dos diferentes donos sejam intercambiadas com uma terceira mercadoria, *sempre a mesma* [grifo do autor], e sejam comparadas com ela na condição de valores”.

Com o desenvolvimento do intercâmbio mercantil, a forma de equivalente de troca, que, até então, recaía sobre uma ou outra mercadoria envolvida no próprio intercâmbio, “de forma alternativa e fugaz”, adere firme e exclusivamente a uma única e mesma terceira mercadoria e “[...] se cristaliza na **forma de dinheiro**” (grifo nosso).

19 Nesse ponto do comentário dos *Grundrisse* sobre a origem do dinheiro, conforme adiantamos no Folheto nº 03, quando reproduzimos a Nota Preliminar da Parte II de *Gênese*, onde o autor identifica quatro versões distintas entre si sobre o tema dinheiro em Marx, Roman Rosdolsky pontua uma das que chama de “certas vacilações” sobre o dinheiro presentes naqueles manuscritos. Nos *Grundrisse*, de acordo com Rosdolsky, Marx ainda considera que “o dinheiro em geral [...] aparece como mero signo de valor ou ‘símbolo’”, o que denota “a influência da teoria do dinheiro proposta por [\[David\] Ricardo](#), que destaca unilateralmente a função do dinheiro como meio de circulação, e na qual ele aparece de fato como mero signo de valor”. Marx afirma: “A mercadoria é transformada em valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco]. Para equipará-la a si mesma, na condição de valor de troca [idem acima], ela é trocada por um signo que a representa na condição de valor de troca como tal. Como valor de troca [idem acima] assim simbolizado, ela pode ser novamente trocada, em determinadas proporções [valor de troca], por qualquer outra mercadoria”. Entretanto, Marx já destacara nos próprios *Grundrisse* que, “embora sendo apenas um signo”, o dinheiro deve ser “uma mercadoria particular [uma terceira mercadoria]”. Nesses manuscritos, portanto, vê-se que “o dinheiro não só ‘representa’ o valor das mercadorias, mas também o ‘simboliza’”; o que, no dizer de Roman, “está em flagrante contradição com o verdadeiro sentido da teoria marxiana do dinheiro”, tanto é que tal entendimento foi abandonado por Marx mais adiante. Segundo Rosdolsky, “esse abandono” já é percebido no livro *Contribuição à crítica da economia política* (de 1859), não se encontrando mais, “a partir desse texto [...], rastros dessa ‘teoria do símbolo’” (Ibidem, p. 107 e 108). Até então, para Marx, “Como a mercadoria torna-se valor de troca geral [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco], o valor de troca [idem] torna-se uma mercadoria particular: isso se deve ao fato de que mercadoria específica recebe o privilégio de representar, de simbolizar o valor de troca [idem] das demais, ou seja, o privilégio de converter-se em dinheiro” – para o autor de *Gênese*, o erro de Marx, reconhecido por ele próprio em *Contribuição à crítica*, “está em equiparar os conceitos de ‘representar’ e simbolizar” (Ibidem, p. 507 Notas 20 e 21).

20 Ibidem, p. 110 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

“Esta **terceira mercadoria** [o dinheiro]”, continua o autor *d’O capital*, “na medida em que se converte em equivalente de outras mercadorias, diferentes dela e entre si, assume a forma de **equivalente geral**, ou **social** [...]” (grifo nosso)²¹.

Na origem, serve como dinheiro, mas não na forma capitalista, a mercadoria “mais trocada como objeto necessário, aquela que mais circula [...], aquela que, em uma determinada organização social, representa a riqueza por excelência [...]: o sal, os couros, o gado, os escravos [...]”. Nesse caso, “a utilidade [valor de uso] específica da mercadoria [...] a transforma em dinheiro”. Contudo, com o avançar do desenvolvimento mercantil, “a mercadoria que é menos objeto de consumo ou instrumento de produção passa a desempenhar melhor aquele papel, pois responde às necessidades de *troca como tal*” (grifo do autor).²²

21 Explicando o que é a forma de equivalente geral do dinheiro, a professora Leda Paulani usa o exemplo de Marx de uma relação de troca e a seguinte equação: “20 varas de linho = 1 casaco” (o que é o mesmo de afirmar que “20 varas de linho valem 1 casaco”). Na lógica marxiana, essa equação de troca “expressa o valor das 20 varas de linho e não o valor de 1 casaco”. Desejando-se apurar o valor de 1 casaco, deve-se expressar esse desejo em outra equação: “1 casaco = 20 varas de linho” (o que significa dizer que “1 casaco vale 20 varas de linho”). Para Marx, “A é igual a B, mas B não é igual a A”, “ao contrário do padrão normal de raciocínio lógico”. Portanto, essas duas equações possuem “valores [...] e sentidos distintos”. E isso se explica porque, para o filósofo alemão, numa relação de troca, a mercadoria que se encontra do lado esquerdo da equação (como as 20 varas de linho do primeiro exemplo) se acha sempre na “*forma relativa*” da relação de troca, assumindo, assim, um “*papel ativo*” no intercâmbio, estando na posição “de ter o seu valor expresso”, de “querer” e “precisar” que seu valor seja expresso pela mercadoria que aparece do lado direito da equação [no exemplo, 1 casaco]. A mercadoria que se acha no “lado direito” da equação de troca, por sua vez, encontra-se na *forma equivalente* da relação, assumindo, por isso, um “*papel passivo*” no intercâmbio, aparecendo aí somente para dizer o valor da mercadoria que se encontra na forma relativa, do lado direito da equação [no caso, as 20 varas de linho]. Assim, a mercadoria que se apresenta na forma equivalente dirá o valor da mercadoria que se apresenta na forma relativa. Repare que, ainda aqui, e isso se aplica às duas equações mencionadas, a mercadoria do lado direito surge na relação de troca apenas como *equivalente*, não exerce o papel de representar o valor das demais ou de todas as mercadorias, mas tão somente da mercadoria que aparece do lado esquerdo da equação. Por isso, não pode ser considerada *equivalente geral* de troca, mas apenas *equivalente* de troca. A depender da posição que ocupa na equação de troca, cada uma das mercadorias envolvidas aparece ora na forma relativa ora na forma equivalente (conforme se verifica do cotejo entre as duas equações de trocas apresentadas no início desta Nota). Entretanto, ainda que a mercadoria, no caso, assuma a forma equivalente nunca será a forma de equivalente geral. Ressalta-se que a construção lógica descrita reflete o contexto histórico e social das *sociedades pré-capitalistas*, onde o intercâmbio de mercadorias ainda não constitui a base material dessas sociedades e o dinheiro ainda não se constitui medida de valor, o que se configurará somente nas sociedades capitalistas.

Em uma sociedade produtora de mercadorias, onde o intercâmbio de mercadorias constitui a base material de produção e de reprodução social, o que é o caso da *sociedade capitalista*, a questão se passa de modo bastante distinto. O desenvolvimento mercantil exige a presença de uma *terceira mercadoria* para que se efetive o intercâmbio das mercadorias. E essa terceira mercadoria é o *dinheiro*. O dinheiro, como uma terceira mercadoria, só é o que é porque se apresenta como *medida de valor de todas as mercadorias*: “é como se o universo das outras mercadorias elegeesse esta mercadoria [o dinheiro] para ser a sua linguagem”. Como medida de valor de todas as mercadorias sempre, e necessariamente, se apresenta na forma equivalente, do lado direito da equação de troca, e mais, sempre na forma de *equivalente geral*, e não apenas na forma de equivalente de troca. Portanto, o dinheiro está “confinado no mundo da forma de equivalente geral”, nunca se apresentará na forma relativa, do lado esquerdo da equação de troca. Funcionará sempre como equivalente de troca porque nunca se apresentará na forma relativa. E será sempre equivalente geral porque é *uma única e mesma mercadoria dizendo o valor de todas as demais mercadorias da economia*. Todas as demais mercadorias vão dizer o seu valor por meio desta única e mesma forma de equivalente geral, o dinheiro. Aqui se tem o que Marx chamou de “gênese lógica do dinheiro”. Historicamente, o ouro, sobretudo, mais também a prata, assumiu a forma de equivalente geral (in PAULANI, Leda. Op. cit. (videoaula, minutagem: 24m32s-30m51s). Visto em 25.04.2022).

Conforme transcrito no parágrafo em Nota, observe que Marx trata a forma equivalente geral dessa terceira mercadoria como também equivalente social. Entendemos, a princípio, que tal tratamento está relacionado com o fato de que esta terceira mercadoria que atua como equivalente geral, o dinheiro, é assim considerada e aceita por todos os agentes e sujeitos que participam do intercâmbio, seja no âmbito da produção seja no âmbito da reprodução social.

22 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 110 e 111.

No primeiro momento, explicita Marx, “a mercadoria se converte em dinheiro por causa de seu valor de uso específico”; no segundo momento, “seu valor de uso específico decorre do fato de servir como dinheiro”.²³

Nas páginas finais do primeiro item do capítulo cinco de *Gênese*, o autor detalha o método dedutivo dialético adotado por Marx para chegar ao dinheiro a partir do valor: “uma dedução histórica do valor, paralela à sua dedução lógica”. Rosdolsky aponta que “O próprio Marx confronta os resultados de sua análise abstrata [do conceito de valor] com o desenvolvimento histórico efetivo”, o que significa afirmar, continua Roman, que “as categorias econômicas representam relações reais e não podem ser deduzidas apenas pela lógica [pela lógica conceitual], independentemente da história [a-historicamente]”, como fazia Adam Smith²⁴, “para quem as relações de troca decorriam de uma pretensa ‘propensão ao intercâmbio’ inata ao gênero humano”, segundo Rosdolsky. Para Karl Marx, “o intercâmbio pressupõe um determinado nível de produtividade do trabalho, que não estava dado de antemão”, tudo isso seria produto de uma “evolução histórica muito prolongada”.²⁵

Finalizando este item do capítulo cinco de *Gênese*, sobre a necessidade de instituir o dinheiro, Roman Rosdolsky sintetiza sua análise prescrevendo que na parte dos manuscritos *Grundrisse* sobre a matéria se tem “a dedução do dinheiro a partir da troca direta; a sucessão dos três estágios do intercâmbio”²⁶ (que aparecem em *O capital* como as formas-valor ‘simples’, ‘total’ e ‘geral’); a antítese de valor de uso e valor de troca; e, finalmente, o desdobramento – que surge desta antítese – da mercadoria em mercadoria e dinheiro”.²⁷

Para Marx, portanto, “[...] o dinheiro é a verdadeira existência do valor como tal”. Por isso, inscreve Rosdolsky citando o filósofo alemão, “O intercâmbio ‘teve que individualizar o valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco] mediante a criação de um meio de troca particular [o dinheiro, como uma terceira mercadoria]””.²⁸

23 Idem, p. 111. Continuando na obra e página referenciadas nesta Nota, temos que nesse segundo momento a mercadoria-dinheiro possui características de durabilidade, de inalterabilidade, de divisibilidade (podendo ser somada), de mais fácil transportabilidade e de poder guardar um valor de troca máximo em um volume mínimo. Os metais preciosos, sobretudo o ouro e prata, são exemplos típicos de mercadoria-dinheiro desse momento histórico.

24 Sobre esse grande economista clássico britânico, veja https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.

25 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 109.

26 São estes os três estágios da evolução histórica do intercâmbio de mercadorias listados em *Gênese*: Primeiramente, nas comunidades naturais, onde o homem produzia apenas o que necessitava imediatamente (sendo o limite de suas necessidades o limite de sua produção), havia somente “o intercâmbio entre seu trabalho e o produto do seu trabalho” (grifo nosso), uma “forma latente, o germe, do intercâmbio real”; no passo seguinte, “quando o homem passa a produzir mais do que necessita para o sustento cotidiano, quando seu trabalho lhe proporciona um ‘produto excedente’”, surge o que se conhece como “intercâmbio de produtos” (grifo nosso), e entre comunidades distintas, não ocorrendo no interior das próprias comunidades naturais – é o que se chamou de “troca primitiva”, a qual está muito distante do “intercâmbio real de mercadorias” (grifo nosso), terceiro estágio da evolução do intercâmbio, onde se passa a empregar “a mediação do dinheiro” (Idem, p. 109 e 110).

27 Ibidem, p. 111. Citando [Vladimir Lenin](#), ainda nos reportando à obra e página referenciadas, Rosdolsky dispõe que, sob o ponto de vista metodológico, a investigação de Marx que originou a síntese do parágrafo em Nota se deu “simultaneamente sob a forma ‘dedutiva’ e ‘indutiva’, lógica e histórica”.

28 Ibidem, p. 506 Nota 2. Em termos metodológicos a frase do parágrafo em Nota pode ser traduzida da seguinte maneira: a origem do dinheiro em Marx é uma abstração conceitual que se revela concreta com a existência da mercadoria-dinheiro.

Eis exposta a dedução dialética marxiana do dinheiro a partir do valor, tal qual é encontrada desde os manuscritos *Grundrisse* (de 1857/1858).²⁹

5.1.2. Os aspectos quantitativo e qualitativo do problema do valor (magnitude e forma do valor)³⁰

No segundo item do capítulo cinco, Roman Rosdolsky se atém a discutir a **contradição** revelada por Marx **que faz o dinheiro surgir**, qual seja: a “contradição entre a natureza peculiar da mercadoria como produto e sua natureza geral como valor de troca”, ou, como mencionamos no item 5.1.1., a “contradição interna entre **valor de uso** [que diz respeito à natureza peculiar da mercadoria como produto] e **valor de troca** [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, que diz respeito à natureza geral da mercadoria como valor], implícita na mercadoria” (grifo nosso).³¹

Conforme Roman, “Em contraposição aos economistas burgueses³², que só veem o dinheiro como ‘um expediente astuciosamente imaginado’, voltado para superar as dificuldades da troca simples”, Marx deduz a existência do dinheiro a partir dessa “contradição fundamental”, a contradição “*que engloba a existência da mercadoria como unidade imediata de valor de uso e valor de troca* [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco]” (grifo do autor).

No presente item, Rosdolsky avalia “qual o verdadeiro sentido desta contradição, e por que Marx lhe atribui tamanha importância?”³³. Para o autor de *Gênese*, essa contradição fundamental está relacionada e “representa a forma mais geral que condensa as **condições reais de existência** e as **tendências evolutivas da ordem social burguesa**” (grifo nosso), ou do capitalismo³⁴, não sendo, uma “**forma natural eterna da produção social**” (grifo nosso), que, por assim ser, abarcaria todas as sociedades humanas, como quer David Ricardo, por exemplo, de acordo com o que inferimos do que Roman Rosdolsky afirma³⁵.

No fundo, o que Roman examina aqui, a partir da contradição mencionada, é o fato de que o produto, como valor, segundo Marx, “deve ser a encarnação do trabalho social [o trabalho humano geral ou abstrato], e como tal deve ser diretamente transformável de um valor de uso em qualquer outro [...]. Logo, o trabalho particular [trabalho privado ou concreto] deve apresentar-se imediatamente como seu contrário, como trabalho social”.³⁶

De acordo com Karl Marx, “O fato de que a quantidade de trabalho contida em uma mercadoria seja a quantidade socialmente necessária para sua produção – o

29 Ibidem, p. 108.

30 Para a redação desse item, percebe-se, a partir das Notas do próprio Roman Rosdolsky, que ele se afastou dos *Grundrisse* e desenvolveu sua análise considerando o próprio *O capital* e outros escritos de Marx anteriores e posteriores àqueles manuscritos (como *Trabalho assalariado e capital* (de 1847), *Contribuição à crítica da economia política* (de 1859) e *Teorias* (manuscritos de 1861-1863).

31 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 111 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

32 Entre eles Adam Smith e David Ricardo.

33 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 111.

34 Idem, p. 112.

35 Ibidem, p. 111 e 115.

36 Ibidem, p. 113 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

tempo de trabalho como trabalho necessário – é uma determinação que diz respeito apenas à magnitude do valor”, muito embora, “o trabalho que constitui a unidade dos valores” não seja só “trabalho médio, igual e simples [trabalho humano geral ou abstrato]. O trabalho é trabalho do indivíduo particular [trabalho privado ou concreto], representado em um determinado produto”.

Marx ensina: “O trabalho do indivíduo, para resultar em valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, que propicia o intercâmbio das mercadorias], deve poder expressar-se em um equivalente geral, ou seja, na representação do tempo de trabalho do indivíduo como tempo de trabalho geral”. Assim se tornará um **trabalho social**: ao “assumir a forma de seu contrário imediato, a forma da generalidade abstrata”. Trata-se aqui, portanto, prossegue o filósofo alemão, “do modo específico como o trabalho que determina o valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco], que produz mercadorias, é trabalho social”. Esse é o **aspecto qualitativo** do problema do valor apurado por Marx, a **forma do valor**.

Por isso, conforme Rosdolsky, a referida contradição “só pode ser resolvida se os diferentes trabalhos particulares forem equiparados no intercâmbio, mediante a redução deles ao trabalho abstrato, geral, humano”.

Na sequência da sua análise sobre a evolução do trabalho humano até o modo específico de trabalho que determina o valor da mercadoria, o trabalho social, Roman Rosdolsky discorre sobre a situação pré-capitalista, passando pela Idade Média, até a sociedade burguesa³⁷. Assim procede para também mostrar a diferença de ponto de vista entre Marx e David Ricardo, quando este último considera o valor, segundo Marx, como “a forma natural eterna da produção social”, investigando apenas “a magnitude do valor, sem atentar para a – historicamente decisiva – forma do valor”, arremata Rosdolsky³⁸.

É certo, de acordo com Roman Rosdolsky, que “Ricardo também sabia, é claro, que para se encontrar a base dos valores era necessário reduzir o trabalho do indivíduo ao trabalho ‘socialmente necessário’ [...]. Mas, para ele, isso só diz respeito ao aspecto quantitativo do problema e não ao qualitativo” (grifo nosso).³⁹

Rosdolsky complementa, ainda citando Marx: “O trabalho materializado nas mercadorias ‘deve representar-se como trabalho social, como trabalho individual alienado’”, que só aparece na **sociedade produtora de mercadorias**, na **sociedade burguesa**. “Só nela o trabalho do indivíduo deve apresentar-se ‘como seu contrário, como um trabalho desprovido de individualidade, abstratamente geral e, sob essa forma social’”.

Além do aspecto qualitativo do valor, Marx também se interessa pelo seu **aspecto quantitativo**, representado pela **magnitude do valor**, que é medida pelo *quantum* da substância formadora de valor nele contido, pelo tempo de trabalho socialmente necessário (trabalho abstrato) para a produção de um valor de uso.

37 Ibidem, p. 113-114.

38 Ibidem, p. 115.

39 Ibidem, p. 114 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

Ao contrário de David Ricardo, o que interessa para Marx é “não só [...] que as diversas magnitudes de valor das mercadorias estejam medidas pela representação de seu valor no valor de uso de uma mercadoria exclusiva [**aspecto quantitativo (magnitude) do problema do valor** (grifo nosso)], mas que, ao mesmo tempo, todas elas se apresentem sob uma forma na qual existam como encarnação do trabalho social e por isso sejam intercambiáveis por qualquer outra mercadoria, sejam conversíveis à vontade em qualquer valor de uso que se deseje [**aspecto qualitativo (forma) do problema do valor** (grifo nosso)]”.

Retornando ao assentado no início deste escrito, quanto a contraposição de Marx aos economistas burgueses no quesito dos aspectos quantitativos e qualitativos do problema do valor, referindo-se especificamente a David Ricardo, Marx destaca como “errônea” a teoria do dinheiro ricardiana, quando Ricardo considera o valor como “a forma natural eterna da produção social”, conforme já pontuamos, e, assim, não compreende “a conexão entre, de um lado, a determinação do valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco] da mercadoria pelo tempo de trabalho e, de outro, a necessidade das mercadorias de prosseguir até a *criação do dinheiro*” (grifo do autor), investigando apenas a magnitude do valor [seu aspecto quantitativo], sem atentar para a – historicamente decisiva – forma do valor [seu aspecto qualitativo]”, ou, em nossas palavras, a forma que o valor adquire no modo de produção capitalista (grifo nosso).⁴⁰

5.1.3. A criação do dinheiro e o fetichismo da mercadoria

Nesta etapa da sua análise da origem do dinheiro em Marx, Roman Rosdolsky traz a tona a concepção marxiana do **fetichismo da mercadoria** como derivada da criação e supremacia do dinheiro e das relações monetárias, bem assim da própria ideia do **fetichismo do dinheiro**, afirmando: “O fenômeno do fetichismo da mercadoria relaciona-se estreitamente com a criação do dinheiro”.⁴¹

Entretanto, antes de reproduzi-la, faremos uma rápida contextualização de fetichismo⁴² para Marx.

⁴⁰ Ibidem, p. 115.

⁴¹ Ibidem, p. 118 e 115.

⁴² De acordo com Rogério Brittes W. Pires (*in Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões*. Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01, p. 349, 350, 351, 352, 347, 370 e 371. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>. Consultado em 25.04.2022), “o termo fetiche [de onde deriva a expressão ‘fetichismo’] surgiu entre os séculos XV e XVIII, durante o contato colonial na costa oeste da África, particularmente no golfo da Guiné, nas então chamadas Costa do Ouro e Costa dos Escravos, onde hoje estão Togo, Gana, Benin e Nigéria. Nessa área de intenso contato entre europeus e populações nativas, a palavra portuguesa *feitiço* – utilizada nos códigos de leis cristãos para descrever atos e objetos de magia prática – é importada, e adere ao discurso sobre a magia e a religião africanas. No que aqui nos interessa, ela aos poucos passa a se referir a objetos centrais nesses complexos mágico-religiosos, como pedras, estátuas e compostos heteróclitos de ingredientes. Eram objetos variados entre si, usados para muitos fins: divinação, cura, ataque mágico contra inimigos, proteção física e espiritual etc. Como suas formas e usos, seus nomes também variavam: eram chamados de vodu, bo, minkisi, suman etc. nas diferentes línguas da África Ocidental. [...] A noção de fetiche aos poucos se tornou familiar para os europeus; mais que isto, tornou-se uma forma de explicar aos europeus a estranheza da religião, do comportamento, e da vida africana como um todo”. De acordo com Rogério Pires, os desdobramentos conceituais mais conhecidos da palavra fetichismo dos quais derivaram os conceitos de fetichismo da mercadoria de Marx e de *fetichismo sexual* de Alfred Binet (1857-1911) e Sigmund Freud (1856-1939) “são tortuosas transformações de um conceito anterior: o *fetichismo religioso*” de

O filósofo alemão usa a ideia de fetichismo religioso para aplicá-la na sua crítica da economia política, criando o conceito de **fetichismo da mercadoria**. Segundo Marx, “o fetichismo [da mercadoria] é uma relação social entre pessoas, mediada por coisas. O resultado é a aparência de uma relação direta entre as coisas e não entre as pessoas. As pessoas agem como coisas e as coisas como pessoas”⁴³. Trata-se de um fenômeno social e psicológico observado por Marx no processo econômico capitalista “onde as mercadorias aparentam ter vontade independente de seus produtores”⁴⁴. Um fenômeno “que faz com que objetos pareçam ter vida própria, obscurecendo as relações sociais de trabalho e dominação que possibilitam sua produção”⁴⁵, ou, em outras palavras, escondendo a exploração e dominação dos trabalhadores produtores das mercadorias pelos detentores dos meios de produção (capitalistas).⁴⁶

Voltando ao capítulo cinco de *Gênese*, a par do exposto no item antecedente, conferimos com Rosdolsky na sempre companhia de Marx que “o intercâmbio real [de mercadoria] induz ao **desdobramento** da mercadoria, à sua **cisão** em **mercadoria e dinheiro**. Força à escolha ‘de uma **mercadoria privilegiada** [uma terceira mercadoria], na qual pode expressar-se o valor de todas as demais de uma vez por todas, uma mercadoria que se torna a encarnação direta do **trabalho social** [trabalho humano geral ou trabalho abstrato] e que, por isso, se torna direta e incondicionalmente intercambiável por todas as mercadorias: o **dinheiro**’” (grifo nosso).⁴⁷

Vimos igualmente, segundo Marx, que para “uma mercadoria específica se torne, por assim dizer, a substância universal dos valores de troca’ [no sentido de ‘valor’, ou valor econômico ou intrínseco], o valor de troca [idem] de todas as mercadorias deve ser identificado com esta mercadoria particular; ela deve adquirir uma ‘existência independente das próprias mercadorias’, ‘encarnando-se em um material específico, uma mercadoria específica’”.

Sendo, pois, o valor de troca (propriamente dito) de um objeto “*apenas a expressão quantitativa de sua capacidade de servir como meio de troca*”, no dinheiro, “*o próprio meio de troca se converte em objeto; o valor de troca [desta feita no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco] de um objeto adquire uma existência autônoma fora do próprio objeto*”, ensina Marx (grifo do autor).

Charles de Brosses (1709-1777). “Na esteira do marxismo e do freudismo (muitas vezes sob a forma de fusões variadas de ambos) surgem expressões como ‘fetichismo do Estado’, ‘fetichismo racial’, ‘fetichização da mulher’, ‘fetichismo do dinheiro’ etc. que, de forma muito geral, partem de um ponto de vista antifetichista e/ou desconstrutivista para denunciar a criação de ilusões (geralmente politicamente motivadas) que reduziriam uma realidade complexa (o Estado, o negro, a mulher etc.) a uma imagem que a simplifica e objetifica, a fim de subjugar-la”.

43 Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. Consultado em 25.04.2022.

44 Idem. Consultado em 25.04.2022.

45 PIRES, Rogério Brites W. Op. cit., p. 348. Consultado em 25.04.2022.

46 Na *Seção Preliminar - Conhecendo Karl Marx: uma introdução*, deste Blog, subseção “O universo marxiano: principais conceitos”, disponibilizamos o vídeo “Marx e o fetichismo da mercadoria em *O capital*” apresentado pelo Canal Filosofia Vermelha no YouTube. Confira o vídeo acessando o episódio nº 24 do Plantão da Expedição na página homônima do nosso Blog: <https://expedicaokarlmarx.com.br/ipsa-sed-at-et-veniam-2-2/>.

47 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 115 (Idem para a redação dos dois parágrafos seguintes).

“Como valor de uso [oriundo das características materiais e naturais do produto], o tecido [por exemplo] é uma coisa sensorialmente distinta do casaco; como valor [valor econômico ou intrínseco], é igual ao casaco, tendo portanto o mesmo aspecto deste”.⁴⁸

No estágio de desenvolvimento da sociedade baseada na propriedade privada, quando o produtor e o consumidor já não estão juntos em uma mesma pessoa, considerando uma relação de troca simples, esporádica e direta, envolvendo duas mercadorias determinadas, como o tecido e o casaco do exemplo acima, conforme Marx, “a mais simples relação de troca é suficiente para nos revelar que, em uma sociedade baseada na propriedade privada, na qual os produtores só se relacionam uns com os outros com a mediação de suas mercadorias [ainda sem a presença de uma terceira mercadoria como mediadora], ‘o caráter social de seus trabalhos [o trabalho humano geral ou trabalho abstrato]’ deve aparecer para eles como ‘uma relação ente os produtos do trabalho’. Aqui, ainda não se percebe a reificação (coisificação)⁴⁹ das relações sociais de produção, pois um produtor ainda se relaciona com o outro no intercâmbio por meio de suas próprias mercadorias.

Porém, com o advento do dinheiro, as relações diretamente sociais estabelecidas pelas pessoas em seus trabalhos de produção se manifestam, doravante, no intercâmbio, como relações reificadas (coisificadas) numa **terceira mercadoria**. Diz Rosdolsky: “Só com o dinheiro essa reificação adquire uma forma bem definida, pois todas as mercadorias passam a expressar seu valor no mesmo equivalente, na mesma mercadoria dinheiro”.

Dessa forma, conforme leciona Marx, tem-se consolidada, “definitivamente, ‘a falsa aparência’, como se ‘o objeto que representa a magnitude [o aspecto quantitativo] do valor de outro objeto [a mercadoria que se quer intercambiar]’ possuísse ‘sua forma equivalente independentemente dessa relação, como uma propriedade social que decorre de sua natureza’”. A troca imediata e universal das mercadorias se funde na forma específica de uma **mercadoria-dinheiro**.

O autor d’*O capital* continua: “As mercadorias, sem que intervenham no processo, encontram seu valor estampado no corpo de uma mercadoria que existe à margem delas e ao seu lado”. Em dada relação de troca, todo trabalho humano dispendido na produção das mercadorias parece agora estar encarnado não nas mercadorias produzidas mas sim numa terceira mercadoria, no dinheiro, que se situa fora das relações de produção, embora decorra delas. Com o advento do dinheiro, as relações diretamente sociais estabelecidas pelas pessoas em seus trabalhos de produção se manifestam doravante como **relações reificadas (coisificadas)** pelo dinheiro.⁵⁰

48 Ibidem, p. 116 (Ibidem em relação à redação dos quatro parágrafos seguintes).

49 Sobre o conceito de “reificação” ou “coisificação” em Marx, veja [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reifica%C3%A7%C3%A3o_\(marxismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reifica%C3%A7%C3%A3o_(marxismo)).

50 Até essa parte do conteúdo do item três do capítulo cinco de *Gênese*, o autor se embasou no Livro I d’*O capital*, com vistas a “provar”, como ele mesmo assenta, que a origem do enigma do fetiche da mercadoria está no enigma do fetiche do dinheiro (ROSDOLSKY, Roman, Op. cit., p. 117). Na obra e página referenciadas, Roman Rosdolsky esclarece que, não obstante ter tratado do assunto lançando mão de *O capital*, a concepção de Marx sobre o

Por ser elucidativo, vale replicar de *Gênese* o que o filósofo alemão anotou nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844 sobre o fetiche do dinheiro que se transmuta no fetiche da mercadoria:

“A essência do dinheiro é, em primeiro lugar [...], que a atividade mediadora ou o movimento, o ato humano social mediante o qual se complementam reciprocamente os produtos dos homens, é alienado e se converte em atributo de um objeto material exterior ao homem, o dinheiro. Quando o próprio homem aliena essa atividade mediadora, passa a agir como homem que se perdeu, se desumanizou; a relação dos objetos, a operação humana com eles, converte-se na operação de um ente exterior ao homem e superior a ele. Por causa desses mediadores estranhos – no lugar de ser o próprio homem o mediador dos homens –, o homem considera sua vontade, sua atividade, sua relação com os demais, como uma força independente dele e dos outros. Sua escravidão atinge um ápice. Esse mediador converte-se então no verdadeiro deus, é a potência real que domina tudo. Seu culto converte-se em um fim em si. Separados desse mediador, os objetos perdem o valor. Ou seja, só possuem valor na medida em que o representam; originalmente, parecia que ele [o mediador, esclarece Rosdolsky] só tinha valor na medida em que os representava”.⁵¹

“O dinheiro”, para Marx, “é originalmente o representante de todos os valores; na prática, as coisas se invertem: todos os produtos e os trabalhos reais tornam-se representantes do dinheiro”.⁵²

A partir do dinheiro, “o movimento que intermedeia o intercâmbio entre os homens não é [...] uma relação humana, mas sim uma relação abstrata da propriedade privada com a propriedade privada; esta relação abstrata é o *valor* [valor econômico ou intrínseco], cuja existência real como valor é o dinheiro” (grifo do autor).⁵³

Marx prossegue: “Por isso, com o dinheiro ‘manifesta-se a dominação total do objeto alienado sobre o homem. O que era dominação da pessoa sobre a pessoa [na troca simples], agora é dominação universal da coisa sobre a pessoa, do produto sobre o produtor’”.

Rosdolsky revela que nos *Grundrisse* Marx já mostra “por que, na sociedade produtora de mercadorias [na sociedade burguesa ou capitalista], todos os produtos e trabalhos, para adquirir validade social, devem ser trocados primeiro ‘por um terceiro elemento objetivo’, e por que esse ‘objeto mediador’, o dinheiro, deve tornar-se autônomo diante do mundo das mercadorias”.

Com isso, cria-se, segundo Rosdolsky, o fundamento para a supremacia do dinheiro e das relações monetárias, e para o reflexo invertido das relações sociais de

fetichismo da mercadoria já pode ser encontrada em dos cadernos dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844.

51 Idem, p. 117 e 118.

52 Ibidem, p. 511 Nota 71.

53 Ibidem, p. 118 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

produção na consciência dos participantes – ou seja, para o **fetichismo da mercadoria**” (grifo nosso).

Ainda se pode ler nos *Grundrisse*, afirma Roman, que “Para poder transformar seu produto ‘em um meio de vida para si mesmo, [...] o indivíduo deve produzir um produto universal: o *valor de troca* ou *dinheiro*” (grifo do autor). O seu produto deve possuir um valor de troca expresso em dinheiro, caso contrário “não teria produzido absolutamente nada”, pois, não sendo assim, seu produto não poderia ser intercambiado⁵⁴. Aqui temos configurado o **poder do dinheiro** na sociedade produtora de mercadorias.

De outra banda, continua Marx nos *Grundrisse*, segundo Rosdolsky, “o poder que cada indivíduo exerce sobre a atividade dos outros ou sobre as riquezas sociais, ele o possui na medida em que seja proprietário de *valores de troca*, de *dinheiro* (grifo do autor). **Leva no bolso seu poder social e sua ligação com a sociedade**” (grifo nosso). Nessa passagem, por sua vez, temos caracterizado o **poder do detentor do dinheiro** (o poder do capitalista, detentor dos valores de troca) sobre os demais cidadãos e a forma que propicia se relacionar com a sociedade.⁵⁵

Quanto mais “cada produtor passe a depender [da geração] do valor de troca de sua mercadoria [...], tanto mais cresce o poder do dinheiro” e sua dependência em relação a este⁵⁶. Por outro lado, quanto mais acumule valor de troca, dinheiro, mais aumenta o seu poder social.

Nesse sentido, segundo Marx, o dinheiro passa a ser “o vínculo reificado da sociedade”, a “entidade comunitária real” que tomou o lugar da comunidade antiga, “cuja coesão”, no dizer de Roman, “era mantida por laços naturais e relações de dependência pessoal [...]”. Por assim ser, o dinheiro “não pode tolerar ‘nenhuma outra [entidade, esclarece Rosdolsky] situada acima dele’”.⁵⁷

Para finalizar, Roman Rosdolsky sentencia que “O fetichismo da mercadoria e a criação do dinheiro são dois aspectos diferentes de uma mesma realidade [...]: na sociedade produtora de mercadorias [na sociedade burguesa ou capitalista, onde se produz para vender, para se obter lucro, e não, necessariamente, para satisfazer dada necessidade de consumo], ‘a trocabilidade da mercadoria’ existe ‘como algo distinto, diferente dela [dar-se-á por meio de uma terceira mercadoria]’, ‘não imediatamente idêntico’ a ela”. O valor da mercadoria (seu valor econômico ou intrínseco) torna-se autônomo diante das mercadorias de onde é extraído.

Desse modo, os fenômenos do fetiche do dinheiro e da mercadoria “são inseparáveis da produção de mercadorias”, crava Rosdolsky. “A sociedade produtora de mercadorias [a sociedade burguesa ou capitalista] não pode libertar-se do dinheiro”, assim como não pode libertar-se do que está oculto no processo material de produção, o trabalho

54 Ibidem, p. 118 c/c 511 Nota 74.

55 Ibidem, p. 118.

56 Ibidem, p. 118 e 119.

57 Ibidem, p. 119 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

abstrato [o trabalho humano geral] criador do valor da mercadoria, do valor econômico ou intrínseco da mercadoria.⁵⁸

5.1.4. O desenvolvimento das contradições internas da forma-dinheiro

Para finalizar a análise da transformação do valor em dinheiro, Roman Rosdolsky examina as contradições contidas nas “relações dos valores de troca – mercadorias iguais entre si e igualáveis como materialização do tempo de trabalho [para produzi-las]”, isto é, o fato de a mercadoria “ser ao mesmo tempo valor de uso e valor de troca (no sentido de ‘valor’ ou valor econômico e intrínseco)”, e a forma que o mundo das mercadorias encontrou para resolvê-las, qual seja, a criação de uma mercadoria que seja especialmente equivalente universal de troca, “na qual essas contradições apareçam resolvidas”. Só essa terceira mercadoria “é o equivalente universal, só o trabalho encarnado nela [trabalho privado ou concreto] [...] representa ‘trabalho em forma diretamente social [trabalho humano geral ou abstrato]’” – o que significa dizer que as demais mercadorias foram “rebaixadas à condição de ‘plebe mercantil comum’, meros valores de uso”.⁵⁹

Da reflexão sobre o assunto, Rosdolsky formula a seguinte pergunta: “esta solução é definitiva? Permite, de fato, superar as contradições da produção mercantil?”. Marx responde que não, revela Roman.⁶⁰

São três as justificativas de Marx enumerada pelo autor de *Gênese* para a sua resposta. A primeira delas se refere ao **valor de troca** (no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco) de uma mercadoria e a sua, detectada por Marx, “dupla existência”: como **mercadoria específica** e como **dinheiro**. Nesse sentido, Marx explica que “a própria contradição entre a natureza particular da mercadoria como produto e sua natureza universal como valor de troca [idem] [...] tornou necessário considerá-la [a mercadoria] como portadora de dupla face, mercadoria específica e dinheiro”. Em vista desta necessária dupla face da mercadoria, que torna possível seu intercâmbio numa sociedade produtora de mercadoria, é possível, percebe o autor d’*O capital*, “que essas duas formas separadas de existência da mercadoria não sejam conversíveis uma na outra”. Ou seja, quando a face dinheiro da mercadoria se converte em coisa exterior a ela, “a possibilidade de trocar a mercadoria por dinheiro passa a depender de condições externas

58 Nos últimos parágrafos do item em comento, Roman Rosdolsky, mais uma vez replicando Marx, explicita sua ponderação sobre a única possibilidade de eliminação do dinheiro: “Isso só será possível quando esse processo, ‘moldado por homens [livremente associados](#) [que corresponde à sociedade comunista na visão de Marx], se encontre sob seu controle consciente e planejado. Para isso, porém, é necessário que exista uma base material da sociedade, ou uma série de condições materiais de existência que resultam de um largo e penoso desenvolvimento” (Ibidem, p. 119). Nessa linha, referindo a [Leon Trotsky](#), Roman expõe que a extinção do dinheiro deve ser acompanhada da extinção do Estado, e de forma paulatina. E isso só pode se efetivar numa sociedade comunista (numa sociedade de homens livremente associados). Porém, essa extinção paulatina de ambos deve começar antes, sob o socialismo. Pregou Trotsky: “Só se poderá falar de uma vitória efetiva do socialismo no instante histórico no qual o Estado seja capenga e o dinheiro comece a perder seu poder mágico”. Não se faz isso de forma arbitrária, diz o revolucionário russo: “O fetichismo monetário só poderá receber um golpe fatal quando o crescimento da riqueza social tenha afastado dos homens o humilhante temor do tamanho de sua razão. Com a perda de sua capacidade de garantir a felicidade e de sumir no pó, o dinheiro se converterá em simples recurso contábil, para comodidade da estatística e da administração [...]” (Ibidem, p. 512 Nota 82).

59 Ibidem, p. 119.

60 Ibidem, p. 120 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

que podem ou não estar presentes". É sabido que na troca, "a mercadoria é desejada por suas propriedades naturais, por causa das necessidades que ela satisfaz [valor de uso]". Por outro lado, também é sabido que o dinheiro "só é desejado por seu valor de troca, só como valor de troca", como mediador da relação de troca. Desse modo, "a conversibilidade da mercadoria em dinheiro [...] depende de circunstâncias que nada têm a ver com a mercadoria como valor de troca [que a faz ser intercambiável] e que são independentes dela [...]. Pode ocorrer que a mercadoria, sob sua forma específica de produto, não possa ser trocada, ou seja [não possa ser] equiparada com sua forma universal de dinheiro".⁶¹

Na segunda justificativa de que a criação do dinheiro não supera de fato as contradições da produção mercantil, o filósofo alemão se atém ao **ato de troca** e a também detectada divisão em dois atos independentes: a **troca de mercadoria por dinheiro** e a **troca de dinheiro por mercadoria – compra e venda**" (grifo nosso). Em geral, Marx sabe que "mercadoria se troca por mercadoria". Porém, ao mesmo tempo, "a mercadoria não se troca por outra mercadoria quando se troca por dinheiro [...]". Ou seja, pode-se comprar uma mercadoria para vender em seguida e essa venda, por alguma razão, pode não se concretizar. Em sendo assim, "Fixando-se o dinheiro como mediador [do intercâmbio das mercadorias] e separando-se [a] troca em dois atos, aparece o germe das crises [...]".

Por fim, Marx foca seu derradeiro argumento nos **sujeitos da relação de troca** (produtor, comerciante e consumidor). Diz ele: "assim como a troca se divide em dois atos independentes [compra e venda], o mesmo movimento da troca, visto em seu conjunto [considerando o mercado], se separa dos sujeitos da troca, ou seja, dos **produtores de mercadorias**" (grifo nosso). Na relação de troca entre os produtores "intervém uma **camada de negociantes** que compra para vender e vende para voltar a comprar, em operações que não visam possuir as mercadorias como produtos, mas sim a obter valores de troca como tais, ou seja, dinheiro [...]" (grifo nosso). Verifica-se, então, um desdobramento da troca: "troca tendo em vista o consumo e troca tendo em vista a troca". Dessa partição da troca, atesta Marx, "nasce um novo desequilíbrio".⁶²

Do ponto de vista do comerciante, o ato de troca "é movido pela diferença entre os preços de compra e de venda das mercadorias [que revende]", porém, pelo lado do **consumidor** (adquirente final da mercadoria) há o desembolso definitivo do valor de troca das mercadorias que compra. Como o comerciante precisa obter o maior ganho possível pela compra e venda da mercadoria que comercializa, o consumidor quer pagar o preço que mais lhe convém.⁶³

Assim, "A **circulação** (ou seja, a troca sob a óptica [sic] da camada de negociantes) e o **ponto final da circulação** (ou seja, a troca entre o negociante e os consumidores) devem, ao fim e ao cabo, condicionar-se mutuamente" (grifo nosso).

61 Não encontramos no texto em comento situações reais que poderiam ilustrar as mencionadas condições externas que não permitiriam a conversibilidade da mercadoria, sob sua forma específica de produto, em dinheiro.

62 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 120 e 121.

63 Idem, p. 121 (Ibidem em relação à redação dos cinco parágrafos seguintes).

Levando-se em conta que esses dois momentos são condicionados por leis e motivações totalmente diversas”, o momento da circulação e seu ponto final podem ingressar “em grandes contradições”, o que configura “uma nova possibilidade de crise”.

Possibilidade ou necessidade de crise? Essa é uma pergunta fundamental. A ela responde o filósofo alemão de forma direta: “[...] considerando-se que a produção trabalha diretamente para o comércio e só indiretamente para o consumo, ela está obrigada a sofrer (e também gerar) essa desarmonia entre troca comercial e troca visando ao consumo”.

Ressalta-se que além das contradições apontadas relativas ao valor de troca, ao ato de troca e aos momentos de troca das mercadorias (estes últimos atinentes aos sujeitos da relação de troca), Marx também registra “as contradições que se manifestam quando se separam as operações monetárias e o comércio real”. Visto que o dinheiro, no caso a moeda, é uma mercadoria específica (moeda de ouro ou de prata, por exemplo) e também universal (equivalente geral de troca), “sua troca por outras mercadorias está submetida a condições específicas [atinentes às peculiaridades do material monetário ouro e prata, como condições de oferta e demanda, valorização e desvalorização, etc.], que contradizem sua trocabilidade universal e absoluta”. Desse modo, “a moeda ‘também entra em contradição consigo mesma e com sua determinação [de mercadoria universal, acrescenta Roman]’”.

Assim, no presente item, vimos com Marx, por intermédio de Rosdolsky, as várias contradições da forma-dinheiro: observamos “como é inerente ao dinheiro o fato de ele alcançar seus fins e ao mesmo tempo negá-los; tornar-se autônomo em relação às mercadorias [que representa]; passar de meio a fim; realizar o valor de troca das mercadorias desvinculando-se delas; facilitar a troca introduzindo nela um elemento de cisão; superar as dificuldades da troca imediata de mercadorias generalizando essas dificuldades; autonomizar a troca em relação aos produtores na mesma medida em que os produtores se tornam dependentes da troca”.

Diante delas, segundo conclui o filósofo d’*O capital*, o que se tem com a criação do dinheiro é tão somente uma superação (efêmera, digo eu) da “contradição oculta na mercadoria – trabalho privado e trabalho social, valor de uso e valor de troca, mercadoria e dinheiro”. Uma superação que reproduz essas contradições em outro nível, não as suprime, “mas cria a forma em que elas podem mover-se”.

Por fim, para se compreender absolutamente a importância do tema aqui tratado, Rosdolsky traz a observação de Lenin, desta feita se reportando à obra maior e definitiva de Karl Marx: “Em *O capital*, Marx analisa em primeiro lugar a relação mais simples, comum, fundamental, disseminada, cotidiana e observável por milhões, da sociedade burguesa: **a troca de mercadorias**” (grifo nosso) e “descobre nesse fenômeno extraordinariamente simples (nessa ‘célula’ da sociedade burguesa) todas as contradições (ou a semente de todas as contradições) da sociedade moderna”.⁶⁴

64 Ibidem, p. 122.

Em vista da complexidade do tema abordado, disponibilizamos como material complementar a videoaula ministrada pela professora Leda Paulani, intitulada “O dinheiro e o capital portador de juros”, bastante útil para o melhor proveito da presente leitura.⁶⁵

65 [Material complementar do Folheto nº 04, "Capítulo 5 – A transição do valor ao dinheiro": videoaula “O dinheiro e o capital portador de juros”](#). [Leda Maria Paulani](#) (1954) é uma economista brasileira e professora titular da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.
- ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.
- ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.
- ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma análise existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.
- ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiF-PzZ4c7yAhXKI7kGHSfbDIAQFnoECAwQAw&url=https%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fintuitio%2Farticle%2Fdownload%2F9664%2F8478%2F&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb-tU3n>.
- ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyjBHqnxRM0>.
- ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.
- ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.
- AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf>.
- BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.
- BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.
- BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.
- BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.
- BEZERRA, Juliana. **Marxismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.
- _____. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.
- BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio “Trent’Anni Doppo**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.
- BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.
- CABRAL, João Francisco P. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.
- CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx.** Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de “O capital” de Karl Marx, de Roman Rosdolsky.** Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista.** Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%C3%A7%C3%A7%C3%A3o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto.** Disponível em <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels.** Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx “A burguesia e a contrarrevolução”.** Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção.** Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características.** Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach.** Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação.** Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx.** Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital.** Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels.** Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho.** Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse.** São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch.** Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico.** Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano.** Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Palestra Introdução à leitura dos Grundrisse**(vídeo). Editora UERJ, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xhds6tHvb08>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo). TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvo>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/. em

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>. em

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf. em

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.

HARVEY, David. **Para entender *O capital*, Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Para entender *O capital*, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

HEINRICH, Michael. **Crítica ao filme “O Jovem Karl Marx”**. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>. em

HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo**. Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>. em

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels**. Rio de Janeiro- RJ: Editora Record, 2010.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em *O Capital* de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky, Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!-.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de *O Capital* Manual de Economia Política**. Livro primeiro: O Valor Regulador do Regime de Produção de Mercadorias Capítulo I - O trabalho, base do valor Capítulo I, Item 6. Trabalho concreto e trabalho abstracto e Item 7. Trabalho individual e trabalho socialmente necessário. Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

LARA, Fernando Maccari. **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx**. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf. em

MACHADO, Gustavo. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista**. Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx**. Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

MARX, Karl Heinrich. **As lutas de classes na França**. Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>. em

_____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>. em

_____. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.

_____ e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.

_____. **O capital. Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.

_____. **O capital. Livro II**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

_____. **O capital. Livro III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O capital. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.

_____. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

_____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão**. Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>.

_____. **Teses sobre Feuerbach**. HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.

MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.

MEHRING, Franz. **Karl Marx. A História de Sua Vida**. São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.

MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas**. Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.

MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica**. Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.

MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.

MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.

NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado**. Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.

NETTO, José Paulo. **200 anos de Engels – A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

_____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.

_____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Dl3Yocu-1oI>.

_____. **Karl Marx. Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune**. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo**. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PAULANI, Leda. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx**. Videoaula. Canal Coletivo Arroz Feijão e Economia. Disponível em <https://youtu.be/kx0JwZs5gs>.

_____. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels**. Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern**. Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.

PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

PIRES, Rogério Brittes W.. **Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões**. Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante**. Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho**. Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em <https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.

REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético**. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2011.

ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085.

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital**. Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

_____. **Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014.

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>.

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade**. Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosofia)**. Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em <https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+a+antropol%C3%B3gico>.

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo**. Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefisofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>.

- _____. **Matéria.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/mat%C3%A9ria>. em
- _____. **Substância.** Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/subst%C3%A2ncia>.
- SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital.** Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>. em
- SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia.** Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>. em
- SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatique.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.
- SITE DM. JORNAL. **Marx e Freud o encontro possível.** Disponível em <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>. em
- SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”.** Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.
- SITE FC UNESP. **Axiomático.** Disponível em <http://www.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>. em
- SITE FILOSOFIA. **História.** Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.
- SITE INFOPEDIA. **Consciência.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$consciencia-filosofia](https://www.infopedia.pt/$consciencia-filosofia). em
- _____. **Materialismo.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).
- _____. **Relações Sociais.** Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).
- _____. **Pensamento.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento>.
- SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história.** Disponível em <https://jornalggn.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-meszaros-em-para-alem-do-cap/>. em
- SITE SIGNIFICADOS. **Ontologia.** Disponível em <https://www.significados.com.br/ontologia/>.
- SITE SISEJUFÉ. **1848 - Marx e a luta de classes na França.** Disponível em <https://sisejufe.org.br/noticias/1848-marx-e-a-luta-de-classes-na-franca/>. em
- SITE TIRO DE LETRA. **Filosofia.** Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dici-Filosofia.htm>.
- SITE WIKIPEDIA. **Adam Smith.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.
- _____. **A ideologia alemã.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3.
- _____. **Alfred Darimon.** Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.
- _____. **Anais Franco-Alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%BCher. em
- _____. **Aristóteles.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles>.
- _____. **A sagrada família.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro)). em
- _____. **Associação Internacional dos Trabalhadores.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores. em
- _____. **Axioma.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma>.
- _____. **Baruch Espinoza.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza.
- _____. **Bruno Bauer.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer.
- _____. **Burguesia.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia>.
- _____. **Capital.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia)).
- _____. **Capitalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>.
- _____. **Capitalismo Industrial.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial>. em
- _____. **Classe social.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial>.

-
- _____. **Cogito ergo sum.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum.
- _____. **Comuna de Paris.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.
- _____. **Comunismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo>.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_Economia_Pol%C3%ADtica. em
- _____. **Coruja de Atena.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena.
- _____. **Crise de 1857.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857.
- _____. **Crítica ao Programa de Gotha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha. em
- _____. **David Ricardo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo.
- _____. **Democracia direta.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta. em
- _____. **Demócrito.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito>.
- _____. **Dialética.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>.
- _____. **Die Neue Zeita.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita.
- _____. **Dinheiro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro>.
- _____. **Direita política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_\(po%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%ADtica)).
- _____. **Ditadura.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura>.
- _____. **Ditadura do proletariado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado. em
- _____. **Do socialismo utópico ao socialismo científico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%ADfico. em
- _____. **Economia Clássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia marxiana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana.
- _____. **Economia Neoclássica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica. em
- _____. **Economia Política.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%ADtica. em
- _____. **Economicismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo>.
- _____. **Enfiteuse.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Esquerda política.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%ADtica)).
- _____. **Eugen von Bawerk.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Fetichismo da mercadoria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em
- _____. **Feudalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Fim da história.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria. em
- _____. **Fisicalismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fisicalismo>.
- _____. **Força de trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.
- _____. **Forças produtivas.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.
- _____. **Friedrich Engels.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.

-
- _____. **Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.
- _____. **Georg W. F. Hegel.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. em
- _____. **Hegelianismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth.
- _____. **Henryk Grossman.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman.
- _____. **História da Moeda.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.
- _____. **História do comunismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em
- _____. **Humanismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o.
- _____. **Iluminismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx. em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura. em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean-Jacques Rousseau.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau.
- _____. **Jenny von Westphalen.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen.
- _____. **Jovens hegelianos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joven_hegelianos.
- _____. **Karl Heinrich Marx.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.
- _____. **Karl Kautsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky.
- _____. **Lei do valor.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Liga dos comunistas.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas.
- _____. **Livre associação de produtores.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach.
- _____. **Lukács.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Luta de classes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Marxismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Meios de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.

-
- _____. **Mercado Livre.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%ADsica>.
- _____. **Metodologia da Economia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Modo de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Modo de produção socialista.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Nova Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Opio do povo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%ADs_Bonaparte. em
- _____. **Padrão ouro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%BAssia.
- _____. **Reino de Itália.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em
- _____. **Relações de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Rene Descartes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Republicanism.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanism>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es.
- _____. **Revolução francesa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa.
- _____. **Revolução Gloriosa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa.
- _____. **Revolução Industrial.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Revolução russa de 1917.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917. em
- _____. **Revoluções de 1848.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848.
- _____. **Roman Rosdolsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Segunda Revolução Industrial.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial.

- _____. **Ser.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sobre a questão judaica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica. em
- _____. **Socialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adico>. em
- _____. **Socialismo utópico.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista
- _____. **Substância.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Teoria da revolução permanente.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente.
- _____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado. em
- _____. **Teoria do socialismo em um só país.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u%C3%B3pol%C3%Adica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin. e m
- _____. **Teoria do valor-trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.
- _____. **Teses sobre Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach.
- _____. **Trabalho assalariado e capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital. em
- _____. **Unificação da Alemanha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha. em
- _____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o. em
- _____. **Valor de uso.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.
- SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos.** Revista Eletrônica Arma da Crítica. São Paulo-SP: N. 04. 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.
- STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.
- TIBLE, Jean. **Marx contra o Estado.** Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&tlng=pt>. em
- VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária.** Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.
- VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho.** Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.
- VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx.** Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiRm4ie94TyAhVzFrkGHR_PDI8QFjABegQIDxAD&url=https%3A%2F%2Frevistas.marilia.unesp.br%2Findex.php%2Fnovosrumos%2Farticle%2Fdownload%2F8231%2F5290%2F27567&usg=AOvVaw. em